

### TÓPICO III: INTRODUÇÃO A UMA ABORDAGEM FORMAL DA GRAMÁTICA

#### Ponto Extra: Resumo da Teoria Temática e Passagem para a teoria do caso

---

#### III.2 Teoria Temática

##### *Bibliografia fundamental do Ponto 2*

- 📖 DUARTE, Inês & BRITO, Ana Maria (2003). *Predicação e Classes de Predicadores*. Em: M.H.M Mateus et al (eds), "Gramática da língua portuguesa". Capítulo 7. Lisboa:Caminho.
- 📖 DUARTE, Inês (2003): A Família das Construções Inacusativas, In M.H.M Mateus et al (eds), Gramática da língua portuguesa. Lisboa:Caminho (506-548).
- 📖 MIOTO, Carlos et al. (2004). Novo Manual de Sintaxe. Florianópolis, Insular. (Capítulo 3: A teoria temática).

##### *Bibliografia Complementar :*

- 📖 Baker, M.C. (1997). Thematic roles and syntactic structure. In M.C. Baker (ed), Elements of grammar: Handbook of generative syntax. Dordrecht: Kluwer
- 📖 Reinhart, T (2002). The Theta System: An Overview. Theoretical Linguistics 28(3), pp. 229-290.  
<<http://www.let.uu.nl/~Tanya.Reinhart/personal/Papers/pdf/overview-final-with%20new%20intro.pdf>>

##### *Resumo do ponto III.2*

- 2.0. Lembranças do ponto III.1.1 A Teoria X-barra
  - 2.1. Visão panorâmica da teoria temática (em Mioto, 2004)
  - 2.2 Retomando as noções de "argumento" e "papel temático" (Duarte & Britto, 2003)
    - 2.2.1 "Argumento"
    - 2.2.2 "Papel temático"
    - 2.2.3. A "grade temática" e a natureza aspectual do verbo
  - 2.3. Estrutura argumental e Hierarquia temática
    - 2.3.1 Hierarquia temática e "sujeitos"
    - 2.3.2 Hierarquia temática e "complementos"
    - 2.3.3 As estruturas com dois argumentos internos
  - 2.4 O problema da alternância de diáteses (Aula 9)
    - 2.4.1 Resumo da aula passada: grade temática, hierarquia temática
    - 2.4.2 Alterações da estrutura argumental: supressão e promoção de argumentos
    - 2.4.3 Por que "inacusativas"?
- 

#### Ponto Extra

##### *Bibliografia fundamental para o ponto Extra:*

- 📖 BORBA, Francisco da Silva (1990). Introdução. In F.S. Borba, Org.: "Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil". Araraquara: Editora da Unesp.

##### *Bibliografia complementar para o ponto Extra:*

- 📖 Foucault, Michel (1966). As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Traducido por o Salma Tannus Muchail. 8a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

#### Epígrafe

"A proposição é para a linguagem o que a representação é para o pensamento: sua forma, ao mesmo tempo mais geral e mais elementar, porquanto, desde que a decomponhamos, não reencontraremos mais o discurso, mas seus elementos como tantos materiais dispersos". (...)

“ 'Vamos direto à proposição, objeto essencial da gramática'. Nela todas as funções da linguagem são reconduzidas aos três únicos elementos que são indispensáveis para formar uma proposição: o sujeito, o atributo e seu liame. O sujeito e o atributo são ainda da mesma natureza, pois que a proposição afirma que um é idêntico ou pertence ao outro: eles podem, pois, sob certas condições, trocar suas funções. A única diferença, mas decisiva, é a que manifesta a irredutibilidade do verbo. (...)

"O verbo é a condição indispensável a todo discurso: e onde ele não existir, ao menos de modo virtual, não é possível dizer que há linguagem".

M. Foucault, 1966, "As Palavras e as coisas" - III. *A Teoria do verbo*

**Valência, papel temático e estrutura argumental - Resumo geral** (com Borba, 1991)

F.S. Borba, 1991, "Dicionário Gramatical de Verbos" - *Introdução*:

"A natureza das relações estabelecidas entre predicado e argumento(s) é responsável pelo estatuto sintático-semântico dos verbos".

"Todo verbo tem até quatro argumentos. Desses, se o A<sub>1</sub> (superficialmente na função de sujeito) for *ativo* (=Ag), o verbo será de *ação*; se for um *afetado*, será de *processo*; se for *ativo ou causativo*, implicando um A<sub>2</sub> *afetado/efetuado*, será de *ação-processo*; se for um *inativo*, isto é, não for nem ativo nem afetado, nem causativo, será de *estado*".

(1) **A<sub>1</sub> ativo: Verbos de ação**

"Um verbo de ação contém sempre o traço atividade relacionado com um sujeito agente. Ele compõe sempre uma frase ativa que indica um fazer por parte do sujeito".

"Todo verbo de ação tem, no mínimo, um argumento. Quando tiver dois ou três, serão complementos caracterizados pelo fato de não serem afetados pela ação verbal, isto é, não caracterizam nenhuma mudança (de estado físico ou moral, de condição, de posicionamento no tempo ou no espaço)"

- a. **Vou** a São Paulo.
- b. **Corri** bastante e consegui pegar o ônibus.
- c. Este rapaz não **bebe**, não **fuma**, não **mente**.

(2) **A<sub>1</sub> afetado: Verbos de processo**

"O A<sub>1</sub> de um verbo de processo é sempre um afetado por algo que está fora dele, ou seja, é um *paciente*, um *experimentador*, ou um *beneficiário* do processo".

"Por isso, as orações processivas indicam sempre um acontecimento ou evento"

- a. O galo **morreu**.
- b. **Sinto** saudade de paris.
- c. Dina **ganhou** um automóvel.

(3) **A<sub>1</sub> ativo ou causativo implicando um A<sub>2</sub> afetado/efetuado: Verbos de ação-processo**

"Os verbos de ação-processo têm, no mínimo, dois argumentos: um, agente/causativo e outro, afetado, efetuado, isto é, o A<sub>1</sub> faz que A<sub>2</sub> mude de estado, condição, posição, ou passe a existir"

- a. A costureira **estragou** o pano
- b. O vento **derrubou** o muro
- c. **Dei** um livro a Pedro

(4) **A<sub>1</sub> inativo: Verbos de estado**

"... o sujeito desses verbos funciona como suporte de propriedades ou como experimentador delas")

- a. Mário **permaneceu** em silêncio
- b. Fernando **tem** três filhos
- c. Paulo **ama** Dirce"

"Os verbos de estado que apenas compõem predicativos estativos são chamados copulativos por ligarem o núcleo do predicado (=predicativo) ao sujeito (cf. [d]). Aqueles que expressam estado/condição por meio de um núcleo verbal contróem-se sem complemento (cf. [e]); com especificador (cf. [f]); com um ou dois complementos ([g]); com complemento adverbial ([h]); com predicativo (i)".

- d. Leo *é* triste; Leo *está* cansado
- e. A defesa nacional nunca *periclitou*
- f. Esta rua *mede* 2 km
- g. A serpente *simboliza* a prudência
- h. Maria *significa* muito para mim
- i. A menina *amanheceu* calma

**As "relações semânticas básicas" (ou "relações subjacentes")  
vs. o "arranjo estrutural" (ou "realizações superficiais")**

"Admitindo-se que toda oração se estrutura em dois níveis - um, subjacente, onde se estabelecem relações semânticas básicas e/ou restrições de co-ocorrência e, outro, superficial, onde se estabelece a combinatória mórfica e se ultima o conteúdo comunicado - então, uma descrição completa começa pelo nível mais baixo para atingir o mais alto próximo de ou até coincidente com a realização efetiva das seqüências. As relações subjacentes, obrigatoriamente implicadas no nível superficial, distinguem-se das que só atuam neste nível e que, sendo opcionais, não caracterizam um verbo ou uma classe deles. Por exemplo, um locativo que apareça numa oração só será arrolado na descrição se fizer parte da valência do verbo. Cf.:

- (5) a. Leo pôs o livro *na estante*  
b. Leo pescava *perto da ponte*

Em (1a.) o locativo (L) é um caso subjacente porque é implicado pelo verbo, enquanto em (1b.) apenas especifica o conteúdo objetivo oracional".

⇒"Enquanto o nível subjacente determina o número de constituintes e sua natureza sintático-semântica, o nível superficial determina o arranjo estrutural, isto é, o conjunto de exigências superficiais para que o verbo se realize".

**Alguns "expedientes" que atuam no "nível superficial"**

"Como a descrição começa pelo nível superficial, o único observável diretamente, então a primeira tarefa do analista há de ser identificar os *expedientes* que aí atuam e que dão aos enunciados aparência de irregularidade. Os expedientes que serão levados em conta são: alçamento, rebaixamento, apagamento, truncamento, transposição, dissimilação ou diferenciação, coordenação e condensação" (meu grifo).

- (6) "Alçamento" -  
a. Leo cortou o salame *com uma faca*  
b. *Faca laser* corta salame em fatias bem finas
- (7) "Rebaixamento"  
a. O sangue escorria *da ferida*  
b. A ferida escorria *sangue*
- (8) "Alçamento e rebaixamento"- permuta de funções  
a. Edna costurou sua blusa *com uma linha especial*  
b. *Uma linha especial* costurou a blusa de Edna
- (9) "*Alçamento e rebaixamento são expedientes de topicalização*" :  
a. O ministro aumentou em importância  
b. A carne baixou de preço
- (10) "Apagamento"

"O apagamento, que consiste em cancelar um componente, é regulado pela possibilidade de recuperação da informação veiculada pelo componente omitido"

- O apagamento pode remeter à "*própria natureza sintática e semântica dos componente a ser suprimido*":

- b. Em verbos com complementos indicativos de resultado:  
*cavar* (um poço, um buraco); *pintar* (um quadro, uma tela)
- c. Em verbos com complementos expressos por um cognato:  
*sonhar* (um sonho) *dormir* (um sono)
- d. Em verbos com complementos bastante específicos:  
*comer beber ler* [compare-se com: *fazer* (...)] (...)

- O apagamento pode constituir a contrapartida do alçamento:

- a. Torrões de açúcar amansaram o tigre  
"X amansou o tigre com [torrões de açúcar]-Instr" (X apagado, Instr. topicalizado)

**TÓPICO III: INTRODUÇÃO A UMA ABORDAGEM FORMAL DA GRAMÁTICA**

**3. Teoria do caso**

*Bibliografia fundamental:*

📖 MIOTO, Carlos et al. (2004). Novo Manual de Sintaxe. Florianópolis, Insular. (Capítulo 4: A teoria do caso).

**3.1 Noção de Caso na teoria gerativa**

- Na teoria gerativa da gramática, a noção de *Caso* se relaciona as propriedades que permitem que os sintagmas nominais se tornem visíveis para a interpretação temática. Essa visibilidade pode ser codificada de diferentes formas em diferentes línguas – seja abstratamente (*Caso estrutural*) seja também superficialmente (*caso morfológico*).

(1) Mioto et al (1999: 112-113):

(a)	Puer	puellam	amat	
	menino-NOM	menina-ACC	ama	'O menino ama a menina'
(b)	Puella	puerum	amat	
	menina-NOM	menino-ACC	ama	'A menina ama o menino'
(c)	Puella	ab puero	amata est	
	menina-NOM	por menino-ABL	amada é	'A menina foi amada pelo menino'

Mioto et al (1999: 114ss):

- “Qual o papel destes morfemas casuais nas sentenças latinas? Eles tem o papel de estabelecer as funções gramaticais (sujeito, objeto de verbo, objeto de preposição) dos DPs e é através deles que são reconhecidos os papéis temáticos dos argumentos. Como sabemos, na relação de *amor* marcada pelo verbo em (2), qual o DP que desempenha o papel do que ama?”
  - sabemos qual DP desempenha o papel do que ama pelo morfema  $\emptyset$  do nominativo: *puer, puella*
  - sabemos qual DP desempenha o papel do que é amado ama pelo morfema **-m** do acusativo: *puellam, puerum*
- “São os morfemas que marcam a reversão dos papéis temáticos em (a). Já numa sentença passiva como (c), o morfema que marca o papel temático do que é amado e /-a/ do nominativo, e o papel temático do que ama é indicado pelo morfema /-o/ (em conjunto com a presença da preposição *-ab por*, que pode ser omitida)”
- “Um mesmo caso como nominativo serve para indicar papéis- $\theta$  diferentes; ou casos diferentes como nominativo e ablativo podem indicar o mesmo papel- $\theta$ . Portanto, caso morfológico não pode ser confundido com papel- $\theta$ . Mas existe uma relação direta entre eles que é enunciada a partir da constatação de que o caso tem que ser explícito para que dele se possa deduzir o papel- $\theta$ : numa língua como o latim, não é possível a ocorrência de um DP sem marca de caso. Se isso acontecesse não saberíamos o papel- $\theta$  do DP na sentença. Dizemos, então, que o caso deixa o papel- $\theta$  **visível** para a interpretação  $\theta$ ”
- “Também numa língua como o português, que não apresenta marca morfológica de caso, os DPs devem ser visíveis para a interpretação  $\theta$ . (...)”

(2)

- (a) O menino ama a menina
- (b) A menina ama o menino
- (c) A menina foi amada pelo menino

- “Como sabemos que *o menino* desempenha o papel do que ama em (4a)?
  - sabemos porque este DP antecede o verbo.
- Como sabemos que *menino* desempenha o papel do que é amado em (4b)?
  - sabemos porque este DP vem depois do verbo.
- “*Grosso modo*, podemos dizer que a ordenação dos DPs no português é importante para torná-los visíveis para a interpretação  $\theta$ .”
- “Então, vamos admitir que essa condição de visibilidade se aplica a qualquer língua, mesmo as que não dispõem de caso morfológico. Isto é, abstraindo a morfologia, todas as línguas seriam semelhantes ao latim

porque tem que dar visibilidade aos DPs para que eles tenham sua interpretação  $\theta$  garantida. Todas as línguas são idênticas por disporem da categoria gramatical Caso”.

Observemos agora os seguintes contrastes:

- (3) Papel temático / posição
- |     |                                      |                         |
|-----|--------------------------------------|-------------------------|
| (a) | (i) Puer amat [ puellam ]-TEMA       | 'O menino ama a menina' |
|     | (ii) O menino ama [ a menina ]-TEMA  |                         |
| (b) | (i) Puella amat [ puerum ]-TEMA      | 'A menina ama o menino' |
|     | (ii) A menina ama [ o menino ]-TEMA  |                         |
| (c) | (i) [ Puellam ]-TEMA amat puer       | 'O menino ama a menina' |
|     | (ii) *[ A menina ]-TEMA ama o menino |                         |
| (d) | (i) [ Puerum ]-TEMA amat puella      | 'A menina ama o menino' |
|     | (ii) *[ O menino ]-TEMA ama a menina |                         |
- (4) Papel temático / posição / caso morfológico
- |     |   |                         |
|-----|---|-------------------------|
| (a) | (i) Puer-NOM amat [ puellam-ACC ]-TEMA  | 'O menino ama a menina' |
|     | (ii) O menino ama [ a menina ]-TEMA     |                         |
| (b) | (i) Puella-NOM amat [ puerum-ACC ]-TEMA | 'A menina ama o menino' |
|     | (ii) A menina ama [ o menino ]-TEMA     |                         |
| (c) | (i) [ Puellam-ACC ]-TEMA amat puer-NOM  | 'O menino ama a menina' |
|     | (ii) *[ A menina ]-TEMA ama o menino    |                         |
| (d) | (i) [ Puerum-ACC ]-TEMA amat puella-NOM | 'A menina ama o menino' |
|     | (ii) *[ O menino ]-TEMA ama a menina    |                         |
- (5) Papel temático / posição / caso morfológico: passivas
- |     |   |
|-----|---|
| (a) | (i) [ Puella-NOM ]-TEMA amata est ab puero-ABL ( <i>oblíquo</i> ) |
|     | (ii) [ A menina ]-TEMA foi amada pelo menino ( <i>oblíquo</i> )   |

### 3.1.2 Algumas observações empíricas indicativas do Caso estrutural:

- (6) Manifestações de caso morfológico residual em línguas sem sistema rico de caso morfológico
- |     |                               |
|-----|-------------------------------|
| (a) | <b>Eu</b> vi a Maria          |
| (b) | A Maria <b>me</b> viu         |
| (c) | A Maria olhou para <b>mim</b> |
- (7) Contrastes que revelam que elementos “vazios” em cadeias devem ter Caso:
- |     |  |
|-----|--|
| (a) | I met the man that Mary believed _____ to be a genius<br>[ OP <sub>i</sub> that Mary believed the man <sub>i</sub> to be a genius]       |
| (b) | * I met the man that it was believed _____ to be a genius<br>[ OP <sub>i</sub> that it was believed the man <sub>i</sub> to be a genius] |

### 3.1.3 Caso estrutural e relações gramaticais

- O “Caso” é portanto uma propriedade das relações que se estabelecem entre os constituintes gramaticais. Enquanto as propriedades temáticas eram estritamente relacionadas a semântica lexical dos verbos e de seus argumentos, tomando noções como evento, ação, tema, agente, locativo..., o caso é uma categoria mais puramente relacional. Um DP não será acusativo ou nominativo a depender de sua semântica lexical, mas sim a depender de sua relação gramatical com outros componentes da frase.
- Em linhas gerais, portanto, a propriedade de Caso é a que permite que a relação temática entre os diferentes constituintes seja interpretada nas interfaces. Por isso se diz que os DPs precisam resolver sua configuração de Caso para se tornarem **interpretáveis**.

### 3.1.4 Interpretabilidade *versus* Inteligibilidade

- (8)
- |     |   |
|-----|---|
| (a) | A bilimboca pilincou o minquilico         |
| (b) | O minquilico pilincou a bilimboca         |
| (c) | A bilimboca foi pilincada pelo minquilico |

- “Interpretability is not to be confused with intelligibility. A convergent expression may be complete gibberish, or unusable by performance system for various reasons. And performance systems typically assign interpretation to nonconvergent expressions”. (Chomsky, 1998:8 [nota 19])

### 3.1.5 Caso estrutural e “Concordância”

- Por ser uma noção relacional, o Caso está ligado a outras noções relacionais, como a **Concordância**. A concordância superficial (morfológica, no sentido estrito) manifesta uma relação estrutural entre dois constituintes sintáticos. Dizemos que dois itens “concordam” quando verificamos uma identidade relativa entre eles. O Caso estrutural esta, assim, intimamente ligado com questões de “concordância”.

#### (9) Concordância NP-V e Caso estrutural

(a) [ A menina ]-TEMA	foi amada pelo menino	= tema em posicao de NOM
(b) [ As meninas ]-TEMA	<b>foram</b> amadas pelo menino	= tema em posicao de NOM
(c) A menina ama	[ o menino ]-TEMA	= experienciador em posicao de NOM
(d) As meninas <b>amam</b>	[ o menino ]-TEMA	= experienciador em posicao de NOM
(e) [ Puella- <b>NOM</b> ]-TEMA	amata est ab puero	= tema em posicao de NOM

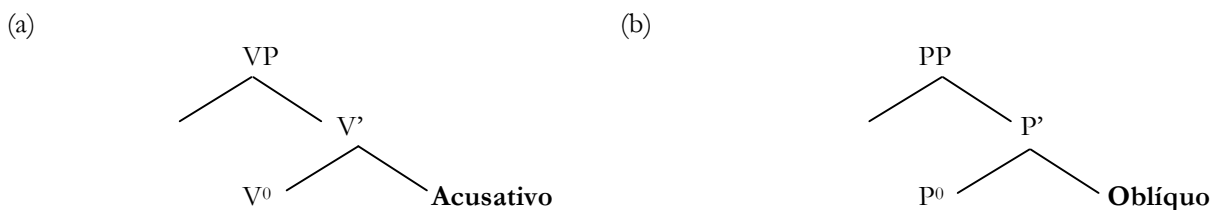
- A grande questão em torno do Caso (essa propriedade que as línguas apresentam de poder relacionar os constituintes entre si tornando a interpretação temática visível) e saber como essas relações são estabelecidas: que procedimentos envolve, em que espaços se aplicam esses procedimentos.

### 3.2 "Teoria do Caso"

- A teoria do caso foi se desenvolvendo basicamente para resolver o problema de como conceituar as relações gramaticais e como garantir uma descrição adequada as várias observações empíricas sobre como essas relações se manifestavam nas diferentes línguas. Nesse sentido, foram sendo apresentadas propostas no sentido de determinar os espaços de aplicação dessas propriedades relacionais – limitando esses espaços por diferentes noções de **localidade** e relação hierárquica (**dominância**).
- O princípio único da Teoria do Caso é o de que todo DP pronunciado deve pertencer a uma cadeia com caso (“*Filtro do Caso*”)
- São três os casos estruturais: **Nominativo**, **Acusativo** e **Oblíquo**. Cada um deles corresponde a diferentes configurações estruturais.

#### 3.2.1 Configuração canônica para marcação de caso

- A configuração canônica para marcação de caso é aquela que um núcleo atribui caso a seu complemento:



#### 3.2.1 Configuração "não-canônica" para marcação de caso

- A configuração "não-canônica" para marcação de caso é aquela em que um núcleo atribui caso a seu especificador. A marcação de caso nesta configuração é uma exclusividade do núcleo funcional I<sup>o</sup>:

